



Área no Centro de Ciências Agrárias, onde variedades de cana-de-açúcar são desenvolvidas, foi destruída ontem à tarde

**MARCHA.** Movimentos sociais chegam a Maceió para protestar

## Sem-terra destroem área de pesquisa da Ufal

Ataque gera prejuízo incalculável à universidade

LELO MACENA  
REPÓRTER

Após uma caminhada de mais de 46 quilômetros, de Murici, de onde saíram às 5h da manhã da última segunda-feira, os 2 mil trabalhadores rurais sem-terra ligados ao MLST, CPT, MST e MTL chegaram a Maceió e acamparam no campus da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), no Tabuleiro, de onde devem continuar a marcha rumo ao Palácio República dos Palmares, onde devem protestar e pedir uma reunião com o governador Teotonio Vilela Filho para pressionar e cobrar a agilização da reforma agrária em Alagoas.

Antes, porém, para mostrar que não estão para brincadeira, depois de acampar e almoçar no Centro de Ciências Agrárias (Ceca) da Ufal, os trabalhadores atacaram o Programa de Melhoramento

Genético da Cana-de-Açúcar da Ufal e destruíram "plântulas", que são embriões de cana, que seriam enviadas para São Paulo, na próxima semana, para uma empresa que tem convênio com a Ufal e que trabalha no desenvolvimento de variedades de cana-de-açúcar.

"É um prejuízo incalculável, são milhões de reais, anos de trabalho", disse Iêdo Teodoro, professor do Ceca. Segundo ele, a Ufal deve registrar boletim de ocorrência. "Vamos prestar queixa, até porque temos um contrato com uma empresa e precisamos informar que não teremos condições de enviar as plântulas", disse o professor Iêdo.

Havia a informação de que os sem-terra teriam invadido e saqueado uma

empresa de água mineral, mas segundo militantes, os botijões foram doados pela empresa.

Enquanto caminhava pela BR-104, o coordenador do MLST, Josival Oliveira negou que os sem-terra tivessem causado tamanho o prejuízo à Ufal.

"Foi um ato simbólico. Só foram quebradas umas caqueiras. Nós somos contra a monocultura da cana-de-açúcar. Não faz sentido o governo federal investir e gastar dinheiro em pesquisa para desenvolver a cana. O que precisamos é de pesquisa para desenvolver e fortalecer a agricultura familiar", argumentou o ativista.

De acordo com Josival Oliveira, a Marcha Pela Terra representa a insatisfação dos trabalhadores rurais de todo o Brasil pela não aplicação das políticas de reforma agrária por parte do governo federal.

"Também é uma forma de protestar contra o governo do Estado por, além de não promover a reforma agrária no campo, ainda coloca as tropas da Polícia Militar para promover as reintegrações de posse nos acampamentos", disse

Josival.

Os líderes e coordenadores dos quatro movimentos chamaram a atenção para o que eles denominam de área de conflito em Alagoas. "O governo do Estado tem que tomar providências nessas áreas, que são: Bota Velha, coordenada pela CPT, Sede, que é do MLST, e Cavaleiros, do MTL, todas em Murici, além da Fazenda Ouricuri, que é em Atalaia", disse o coordenador da CPT, Carlos Lima, enquanto caminhava entre os trabalhadores rurais.

Atrás do cortejo, um engarrafamento de mais de 5 quilômetros se formou na BR-104.

Os trabalhadores rurais acamparam na Ufal, na noite de ontem, onde comemoraram a chegada a Maceió com uma festa animada por um trio de forró.

Na manhã de hoje, eles devem marchar para o Palácio do Governo. No caminho, devem protestar na Eletrobras Distribuição Alagoas.

Segundo os líderes do movimento, mais trabalhadores rurais devem chegar a Maceió nos próximos dias. ☉

;

### Estrago

Sem-terra atacaram o Programa de Melhoramento Genético da Cana-de-Açúcar e destruíram embriões de cana, que seriam enviados para São Paulo, na próxima semana